

Histórico do Diamante no Mundo e no Brasil

Desde a antigüidade, nenhum outro mineral como o diamante exerceu nas pessoas tanta paixão e ambição, tornando-se símbolo da almejada e “eternos” riqueza e poder. Nos tempos modernos, essa gema tornou-se também o principal padrão para as jóias mais valiosas. De modo antagônico, foram seus verdadeiros donos, os descobridores – pequenos mineradores da Índia, os garimpeiros do Brasil, ou os técnicos e trabalhadores das frentes de minas altamente sofisticadas da África do Sul – que fizeram e perpetuaram toda essa história milenar de magia em torno do material que pode ser justamente considerado como o “Rei dos Minerais”.

1.1 As lendas e as minas da Índia

A forte atração que o diamante exerce no imaginário das pessoas, através dos tempos, levou ao surgimento de inúmeras lendas a seu respeito. Provavelmente os nativos hindus (dravidians) conheciam a pedra no oitavo século a.C. e introduziram a medida de peso “quilate” (ou *carat*, em inglês), porque pensavam que ela se originava de uma certa árvore cuja semente, a *cattie*, pesava mais ou menos 0,2 grama. Uma referência histórica nos conta ainda que Kalimantan, na ilha de Bornéu (hoje integrando a Indonésia), fornecia diamantes à China no terceiro século a.C.

Segundo a lenda, que possui uma certa base científica, Alexandre, o Grande, em suas expedições de conquista no Extremo Oriente, durante uma

de suas viagens à Índia (\cong 350 a.C.) havia descoberto minas de diamantes vigiadas por cobras. Como o olhar desses répteis possuía um efeito mortífero, Alexandre utilizou espelhos, segurados à frente por seus homens. Assim, o efeito fatal das cobras retornaria para elas, que morriam do seu próprio mal. Entretanto, as minas eram muito profundas, e Alexandre mandava jogar dentro delas carcaças frescas de carneiros. Os diamantes colavam na gordura das carcaças, e o resto da carne destas logo atraía os abutres. Quando centenas destes chegavam, levando as carcaças junto com os diamantes, os conquistadores seguiam os caminhos dos abutres, pegavam as pedras caídas e, finalmente, nas montanhas, matavam as aves e recolhiam o que faltava. A história, apesar de parecer fantástica, baseia-se no fato comprovado de que os diamantes (e somente eles) aderem à gordura. As tais minas profundas, provavelmente, seriam grandes fraturas por onde passara um rio, preenchidas com cascalho diamantífero. Na atualidade, após mais de 2.000 anos, ainda se utiliza nas minerações o método da mesa vibratória com graxa para separar os diamantes de outros minerais pesados.

Uma história semelhante, de origem árabe, encontra-se em Simbad, o Marujo. Em certa passagem, enquanto o herói era arrastado por seus inimigos em direção ao “Vale dos Diamantes”, onde seria atirado para morrer, observou comerciantes jogando carcaças frescas de animais dentro do vale, que logo eram levadas por abutres gigantesco. Simbad teria então conseguido fugir e, enrolado em uma dessas carcaças, foi carregado pelas aves para um lugar a salvo de seus perseguidores.

Ainda da antiguidade, vieram até nós outras lendas sobre diamantes que teriam “crescido” no fundo do mar. Diversas histórias são contadas a respeito de diamantes encontrados nos intestinos de peixes e, em uma das muitas passagens sobre a vida de Buda, há o relato de sua procura por diamantes nas areias da praia. Ainda há pouco tempo, tais lendas eram consideradas absurdas, talvez pela confusão que poderia haver entre as pérolas e os diamantes. Porém, a descoberta relativamente recente dos diamantes nas praias da Namíbia (Sudoeste africano) demonstra que o episódio tinha condições de ser verdadeiro.

Lendas que se confundem com a realidade podem ser comparadas, no caso brasileiro, com as galinhas “diamantíferas” da região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Ainda hoje, muitas pessoas falam que as empregadas domésticas, ao limparem os estômagos das galinhas, sempre encontram

pequenos diamantes na parte do lixo. O mais provável é que, depois das chuvas fortes, apareçam diamantes nas encostas dos vales e as galinhas, soltas, ciscando pedriscos em sua faina diária, por acaso podem também engolir diamantes, que depois serão encontrados em seus estômagos. Evidentemente, porém, casos como estes são bastante incomuns e de difícil (ou impossível) certificação de veracidade.

Não existem dados muito precisos a respeito da real origem do diamante. Sabe-se que Golconda, na Índia, era a cidade onde se negociava a maior parte das pedras “antigas”. Tais diamantes se originavam de depósitos aluvionares localizados na própria região, entretanto devem permanecer para sempre desconhecidos os rios que forneceram inicialmente essas formidáveis pedras.

Segundo Otávio Barbosa (1991), a primeira referência ao diamante feita no mundo ocidental encontra-se na Bíblia Sagrada, chamado de *jabalom* pelos hebreus, e simbolizando uma das doze tribos de Israel (ver Êxodo, 28:4-35). Plínio, o Velho, apesar de ser uma das autoridades científicas do século I, falhou ao descrever o diamante: para ele, o teste definitivo de reconhecimento seria o martelo, pois não se conseguia quebrar o diamante. Assim, chamou-o de *adamas* (inconquistável) e dessa palavra originou-se o termo diamante. Plínio, apesar de descrever bastante o mineral, nada mencionou sobre sua origem. Provavelmente, nessa época a gema chegava do Oriente junto com outros bens e escravos, viajando em barcos desde o porto de Madras (Índia) até o Golfo Pérsico e daí, em camelos, um longo caminho cruzando os desertos do Oriente Médio para a Europa.

As melhores descrições do mundo renascentista foram registradas pelo viajante francês Jean Baptiste Tavernier, um dos pioneiros no comércio com a Índia em meados do século XVII. O documento que ele deixou é um livro fascinante em dois volumes, contando suas aventuras pelo Oriente. Ao visitar as minas aluvionares de Gana Coulour e Kollur, na região de Golconda (Fig. 1.1) em 1660, descreveu cerca de 60.000 homens, mulheres e crianças procurando diamantes nas areias dos rios. Os homens escavavam de 4 a 5 m de profundidade para encontrar cascalhos, as mulheres e crianças lavavam para retirar os diamantes manualmente, em seguida eram levados a Golconda, o fabuloso centro comercial dessas pedras. Tavernier conhecia bastante do assunto, e suas descrições dos exemplares comprados, fornecendo preços, avaliações de purezas e outras técnicas, mostraram ao mundo ocidental todo o conhecimento básico inicial sobre os diamantes como gemas.



Fig. 1.1 As muralhas da cidade de Golconda, o fabuloso centro comercial de diamantes no sul da Índia até o século XVII. Gravura de Reclus (1891).

Fonte: American Museum of Natural History, New York.

1.2 A descoberta de diamantes em Minas Gerais

Ainda que os dados a respeito da descoberta do diamante no Brasil variem de acordo com os diversos historiadores, parece certo que as primeiras pedras foram recuperadas nas lavras de ouro da região do “Serro Frio” (parte da Serra do Espinhaço ao norte de Minas Gerais), no início do século XVIII. Barbosa (1991) relata que esse encontro ocorreu em 1714, no rio Pinheiro, nas imediações do Arraial do Tejuco (atual Diamantina). O certo é que, nos 15 anos seguintes, a mineração de diamantes competia com a de ouro na região, sendo toda contrabandeada para a Europa como se fosse proveniente da Índia. Em 1729, Bernardo da Fonseca Lobo chegou a Portugal com uma partida de diamantes, que ofereceu de presente ao Rei, sendo por isso considerado o descobridor “oficial” dos diamantes no Brasil.

Diversos períodos podem ser caracterizados na mineração de diamantes na região de Diamantina. Após a oficialização dos achados, e sabendo o rei de Portugal que os diamantes brasileiros eram explorados há algum tempo, foi criado o “Distrito Diamantino do Serro Frio”, que, no dizer de Felício dos

Santos (1868), significava uma colônia dentro da Colônia. Com limites bem definidos (a “Demarcação Diamantina” – ver Fig. 1.2) e administração que reportava-se diretamente a Lisboa, o “Intendente dos Diamantes” governava a região com poderes quase absolutos. Depois, no período de 1745-1772, funcionou o período dos “Contratos”. Nos limites permitidos, o “Contratador” de diamantes, em geral uma pessoa de grandes posses em Portugal, tinha o privilégio do monopólio de lavra, pagando à coroa por número de escravos



Fig. 1.2 Pequeno mapa da “Demarcação Diamantina do Serro Frio”, mostrando a distribuição das lavras então conhecidas (1774). Autor: João da Rocha Dantas de Mendonça, Intendente de Diamantes.

Legenda do mapa (anexada ao mesmo – nomes mantidos exatamente iguais ao original): 1 – Cabasaco, 2 – Masangana, 3 – “Ó”, 4 – Borbas, 5 – Ponte de S. Gonçalo, 6 – Capivari, 7 – Jequitinhonha do Campo, 8 – Ribeirão do Inferno, 9 – Sta. Maria, 10 – Poçoens, 11 – Mosquito, 12 – Lavra do mato, 13 – Ponte do rio Manso, 14 – Carrapato, 15 – Mendanha, 16 – Sta. Caterina, 17 – Mamgabas, 18 – S. Pedro, 19 – Cangica, 20 – Caconda, 21 – Galvão, 22 – Almas, 23 – S. João, 24 – Caldeiroens, 25 – Morrinhos, 26 – Angú duro, 27 – Pinheiro, 28 – rio Pardo pequeno, 29 – Datas d’Elrei, 30 – Cachoeira, 31 – Pombal, 32 – Paraúna. Arraiães: a – Tejuco, b – Chapada, c – rio Manso, d – S. Gonsalo, e – Andréquicé, f – Gouvêa, g – Milho verde, h – Inhay.

Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.



Fig. 1.3 Lavra de diamantes com mão-de-obra escrava nas proximidades do Arraial do Tejuco, no Brasil Colonial. Gravura de Spix & Martius (1828), "Extração de diamantes em Curralinho".

Fonte: Arquivo Público Nacional, Rio de Janeiro.



Fig. 1.4 Uma tropa de soldados reais levando diamantes do Arraial do Tejuco para o Rio de Janeiro, em sua passagem pela vila de Caeté. Gravura de Rugendas (1838), "Comboio de diamantes em Minas Gerais".

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

que trabalhavam em suas jazidas (Figs. 1.3 e 1.4). Foi nesse período que se destacaram as célebres figuras do contratador João Fernandes de Oliveira e sua amante negra, ex-escrava, Chica da Silva.

A corrupção e o contrabando corriam quase livremente nessa época, fazendo com que a Coroa Portuguesa, em 1772, tomasse conta por si só das áreas diamantíferas. Foi então criada uma companhia estatal para esse fim, a “Real Extração”, que começou atuando com grande força ao alugar todos os escravos disponíveis na região que trabalhavam em serviços de lavra. Apesar de feitas novas e importantes descobertas, a Real Extração foi progressivamente definhando, chegando, na época da sua completa paralisação (1832), a possuir apenas alguns poucos escravos e encarregados, insuficientes para manter o monopólio sobre tão vasta área (Felício dos Santos, 1868). Antes disso, porém, a população local, bastante numerosa, havia “tomado” os serviços de lavra, controlados por pessoas influentes do lugar.

Desde que as lavras na região do Tejuco foram intensificadas, em meados do século XVIII, surgia um outro personagem que se tornou marcante na própria história da gente brasileira: o garimpeiro. Escravos perseguidos e outros fugitivos da justiça rumaram para lugares mais longínquos, as “grimpas”, daí serem chamados de “grimpeiros”, e depois garimpeiros. Os que fugiram para os lados do rio São Francisco, a oeste, atravessaram-no e encontraram diamantes no rio Abaeté, região depois chamada de “Nova Lorena Diamantina” e também objeto de pesquisas por parte da Real Extração. Os que fugiram em direção ao norte descobriram as jazidas de Grão Mogol, na continuação serrana de Diamantina.

O pico da produção brasileira tendo por base os depósitos de Minas Gerais ocorreu na segunda metade do século XVIII. No século XIX, com a descoberta dos depósitos sul-africanos, tal produção sofreu um golpe de morte. Assim, após uma produção acumulada que pode ser estimada em torno de 45 milhões de quilates, atualmente (embora não oficial), ela varia na faixa de 1.000.000 a 1.500.000 de quilates por ano.

1.3 Diamantes na África do Sul

Corria o mês de dezembro de 1866 quando Erasmus, filho de Daniel Jacobs, um jovem de 15 anos, fez uma descoberta que revolucionou todo o mercado mundial das gemas. Enquanto descansava na margem do rio Orange,

encontrou um “cristal” mais brilhante que os demais, e pensando que sua irmã gostaria de brincar com a pedra, levou-a para casa, sem saber que iria iniciar toda uma cadeia de eventos econômicos e políticos que perduram até este novo milênio. A pedra ficou esquecida por uns tempos, até que sua mãe resolveu dá-la a um vizinho, Schalk van Niekerk, que colecionava amostras minerais raras. Schalk, imaginando que a pedra tivesse algum valor, entregou-a aos cuidados de um comerciante local que, por sua vez, passou-a a especialistas para exame e avaliação. Resultado: um diamante autêntico de 21,25 quilates, no valor de £ 500 – o primeiro de muitos na mesma região, mais tarde lapidado num brilhante de 10,7 quilates e chamado de Eureka (Robertson, 1974).

Somente com o achado de Erasmus, o diamante passou a ser uma gema “comum”. Durante toda a história, apesar da maioria das pessoas estar acostumada ao nome diamante, realmente poucos o conheciam de fato. Na própria Índia antiga, a gema era privilégio de grandes potentados. Após a sua descoberta no Brasil, a oferta mundial cresceu o bastante para a nobreza européia também o valorizar. A Índia demorou vinte séculos para produzir doze milhões de quilates. No Brasil, os dados falam em cerca de quinze milhões de quilates em um século e meio. Apesar desses fatos, o diamante permanecia ainda bastante raro. Com a lavra dos depósitos da África do Sul, produziu-se em cerca de dez anos uma quantidade de diamantes equivalente à do Brasil nos 150 anos anteriores. Nos anos seguintes, a produção aumentou ainda mais, para quase três milhões de quilates anuais.

Outro fato interessante ligado a esse volume de pedras encontrado na região sul-africana liga-se ao poder de um homem. A partir de 1889, a quase totalidade da produção estava passando pelas mãos de um comerciante inglês – Cecil John Rhodes. Desde 1870, Rhodes havia sido enviado para a África, com 17 anos de idade, a fim de se juntar a seu irmão mais velho para trabalhar numa fazenda e tentar melhorar sua saúde (tinha problemas de coração); depois, pretendia completar seus estudos na Universidade de Oxford. Chegando na África, antes ainda de encontrar seu irmão, através do contato com outras pessoas, Rhodes tornou-se um apaixonado pelos diamantes.

Embora a notícia sobre o diamante Eureka tenha se espalhado, a ocorrência, isolada, não chamara a atenção do mundo. Em 1869, porém, um negro nativo encontrou perto do rio Orange uma pedra de brilho muito intenso, que inicialmente tentou trocar por um pernoite em hotel, sendo porém rejeitado. Tal pedra era um fantástico diamante com 83,5 quilates (depois

lapidado para 47,7 quilates), recebendo o nome de Star of South Africa, e iniciando uma grande corrida ao local da sua descoberta (Robertson, 1974). Em questão de semanas, milhares de pessoas já se dedicavam aos serviços de lavra, entre eles os irmãos Herbert e Cecil Rhodes. Entretanto, como as condições de vida e de exploração eram muito difíceis, logo os irmãos voltaram para a fazenda.

Em 1871, um aventureiro adquiriu uma área para pesquisar diamantes, entre os rios Vaal e Orange. Além de não fazer as pesquisas necessárias, ele ainda perdeu no jogo seus direitos minerários. Outros exploradores logo encontraram na região algumas pedras pequenas, entre 1 e 3 quilates. Os donos das terras, os irmãos De Beers, aborreciam-se com os estragos causados pelas escavações. A fazenda, comprada por £ 50 onze anos antes, foi vendida por £ 6.300 e os dois irmãos, satisfeitos, mudaram para outro local bastante afastado. A ex-fazenda dos irmãos De Beers, nos anos seguintes, forneceu a maior parte dos diamantes mundiais e uma de suas minas, designada de Kimberley, em homenagem ao lorde inglês governador da província, entrou na história da mineração e da gemologia pela imensa quantidade de diamantes jamais produzida.

Na mesma época, os irmãos Rhodes, depois de uma safra perdida na fazenda, voltaram para o negócio dos diamantes, adquirindo um setor (conhecido como *claim*) de 10 m x 10 m da mina de Kimberley. O vilarejo de Kimberley era ainda mais caótico do que as aldeias nas beiradas dos rios diamantíferos. Todo o material de consumo tinha de ser trazido da região costeira, a uma distância de quase 1.000 km. A mineração era conhecida como “lavagem-a-seco” (*dry-digging*) devido à escassez de água. O irmão de Cecil Rhodes não resistiu, vendendo a parte dele, e seguiu para o norte, em busca de ouro.

Todo o serviço pesado era feito por negros nativos, porém as remunerações eram baixas e o trabalho ineficiente. Rhodes, notando isso, levou negros da tribo Zulu de sua fazenda para a mina e, pagando bons salários, ampliou suas áreas e conseguiu uma produção mais razoável. Depois de dois anos, ele deixou os *claims* com um administrador e voltou a Oxford para terminar seus estudos. Na época, os ingleses, com seu grande British-Empire, julgaram que toda a produção de diamantes da África do Sul poderia ser controlada pela Inglaterra, e Rhodes era um desses sonhadores. Durante os oito anos seguintes, Rhodes viajou diversas vezes entre a África e a Inglaterra, concluiu seus estudos e adquiriu riqueza e poder.

Apesar da grande quantidade de diamantes extraída entre 1872 e 1874 (mais de um milhão de quilates), os preços continuaram estáveis. Ao final desse período, certas instabilidades econômicas, em nível mundial, ocasionaram uma forte queda nos preços dos diamantes. Mais uma vez, Rhodes soube tirar vantagem da situação vigente. Após retirarem as pedras dos níveis próximos à superfície, os mineradores em Kimberley passaram para uma lama amarela, designada de *yellow ground*. Quando alcançaram uma rocha mais dura, preto-azulada, ou *blue ground*, a maior parte deles desistiu das escavações. Rhodes porém, após consultar alguns geólogos, foi um dos poucos a perceber que se tratava da rocha matriz dos diamantes. O *yellow ground* era o produto da alteração do *blue ground*, a rocha vulcânica portadora dos diamantes, que depois seria conhecida como kimberlito.

Os mineradores observaram que as escavações na vertical tornavam difícil o transporte da rocha. Eles precisavam deixar caminhos estreitos, sem escavações, para transportar o material para ser lavado na superfície. Com o aumento da profundidade, esses caminhos foram eliminados e o material tinha de subir em caçambas. Um escritor inglês da época comparou tal mina com a obra de um arquiteto diabólico, que construiu uma casa com 500 quartos, nenhum no mesmo nível do outro e nenhuma escada ligando tais quartos (Fig. 1.5). Fenômeno semelhante ocorreu no Brasil, durante a década de 1970,



Fig. 1.5 A caótica mineração do pipe kimberlítico de Kimberley, África do Sul, em 1872. Foto de Williams (1906).

Fonte: American Museum of Natural History, New York.

na mina de ouro de Serra Pelada, no Pará. À medida que as escavações se aprofundavam, o caos das caçambas, transportando gente e material, só aumentava. Assim, com a queda dos preços, muitos mineradores venderam seus *claims*. Rhodes comprou o que foi possível, fundando a De Beers Mining Company Limited, nome dado em memória aos irmãos De Beers, os antigos donos das terras do local.

Cecil Rhodes nem sempre atuou sozinho, por dois motivos principais: primeiramente não julgava ter conhecimento completo sobre o assunto diamantes e, em segundo lugar, por sua impopularidade, em parte adquirida pelo fato de ser homossexual. Assim, em 1879, ele se associou a um grande conhecedor comercial de diamantes, o alemão Alfred Breit, que tinha contatos excelentes com os banqueiros Rothschild. Apesar de seus intentos, Rhodes não era o maior produtor de diamantes. Nessa época, o “rei” de Kimberley era Barney Barnato, um inglês que iniciara sua carreira como *office-boy* e havia fundado a Kimberley Central Mining Company, firma que somente em 1885 havia registrado lucro de £ 200.000 anuais, quatro vezes superior ao de Rhodes.

Em 1881, Rhodes entrou também na política, ganhando as eleições para o parlamento da Província do Cabo. A partir daí ele iniciou a compra de mais ações para possuir o controle da mina de Kimberley. Após meses de embates contra Barnato, conseguiu comprar uma outra firma de porte, a French Company. Em 1888, Rhodes ofereceu a Barnato um lugar no parlamento para conseguir sua grande conquista: a Kimberley Central Mining, ainda bem maior do que a De Beers. Em seguida, Rhodes comprou diversas outras pequenas companhias e, em 1889, já possuía a maioria das ações de Kimberley. Dessa maneira, passou a possuir o controle de 90% da produção mundial de diamantes.

1.4 A De Beers

No final da década de 1880, a procura por diamantes era inferior à produção, e Rhodes tinha pleno conhecimento desse fato. Para contornar a situação, ele criou um “sindicato”, restringindo a venda da produção a um grupo de dez comerciantes. Quando a procura caía, ele diminuía a produção e vice-versa. Conta-nos a história que todos os diamantes produzidos em Kimberley eram colocados em uma caixa de madeira com 70 x 3 x 3 cm, guardada no cofre-forte da companhia. Quando a caixa estava cheia, Rhodes simplesmente mandava paralisar as atividades de lavra. Entretanto,

o maior problema da companhia era a quantidade de diamantes roubados, pois estimava-se que menos de 50% das pedras produzidas chegavam à tal caixa-forte. A tentativa de colocar uma polícia especial não funcionou de modo esperado. Os intermediários, comprando esses diamantes roubados, constituíam uma ameaça permanente ao sindicato formado. Como as autoridades pouco se importavam com os roubos, logo as pedras eram facilmente contrabandeadas do país.

Rhodes desenvolveu diversas formas de combate ao furto. Inicialmente, fechou contratos de trabalho por apenas 3 ou 4 meses. O minerador tinha de ficar na mina por esse período inteiro. No final, ficava uma semana no acampamento, passando por exames especiais, incluindo a ingestão de óleo de rícino a fim de recuperar diamantes porventura engolidos. Um sistema de peneiras e água corrente nos banheiros juntou milhares de pedras roubadas dessa forma. Entretanto, as melhores eram escondidas em ferimentos, que eram feitos de propósito, para esconder os diamantes e os médicos tinham grande dificuldade em recuperá-los, pois as feridas cicatrizavam com o tempo. Rhodes então implantou um novo sistema contra os roubos: contratou intermediários disfarçados, pela própria De Beers, que compravam no mercado negro os diamantes roubados, pagando preços um pouco mais atraentes. Aparentemente, esse sistema genial foi o que melhor funcionou para reaver os diamantes extraviados.

Barney Barnato, ainda um dos maiores acionistas da De Beers, desistiu dos diamantes, procurando comprar ações da mina de Witwatersrand, a maior produtora mundial de ouro. Toda a megalomania que Rhodes possuía com diamantes, Barnato tentava com o ouro; entretanto, tal motivação o levou à instabilidade psíquica e ele se suicidou em 1897. Rhodes, ao contrário, nunca mostrou grande interesse em relação ao ouro, apesar de comprar periodicamente ações em Johannesburgo. Dessa maneira, ironicamente, ele passou a ser também um dos maiores acionistas de ouro daquela região.

O sonho de Rhodes – a expansão do imperialismo britânico – se realizou em 1889. Ele fundou a British South-Africa Company e foi designado governador. Em 1890, com a queda do governo da Província do Cabo, ele se tornou primeiro-ministro, possuindo enorme força política e econômica. Em 1894, atingiu o pico de sua carreira, sendo admirado por alemães e portugueses, também colonialistas na África, como o maior construtor de um império. Uma nova colônia britânica veio a se chamar Rhodesia, ao que

Rhodes comentava: “– Quantos países no mundo têm o nome de uma pessoa?”. Entretanto, em 1895 a carreira de Rhodes estava encerrada. Com sua megalomania, ele quis encampar também a República do Transvaal e, não conseguindo, teve de se demitir do cargo de primeiro-ministro da Colônia do Cabo. Rhodes morreu em 1902, deixando um monopólio, e um verdadeiro império, exemplo único no mundo das pedras preciosas.

Alguns meses depois da morte de Rhodes, Thomas Cullinan descobriu diamantes perto de Pretória, a capital administrativa do Transvaal. Em poucos anos, esse novo *pipe*, denominado Premier, forneceu mais diamantes do que todas as minas de De Beers. Entretanto, não somente por sua produção notável a mina ficou famosa. Em 1905, F. Wells, um dos supervisores da mina, encontrou o (ainda) maior diamante do mundo, denominado Cullinan, com 3.106 quilates. A gema foi dada de presente ao rei inglês Edward. O novo presidente da De Beers, sem a esperteza de Rhodes, não investira no Transvaal e os grandes centros de lapidação, como Antuérpia e Amsterdã, aproveitaram-se do fato político do governo de Pretória não querer colaborar com o Sindicato dos diamantes, sediado em Londres. Em 1907, tal descoberta quase levou à quebra a De Beers e seu Sindicato.

Em 1908, foi encontrado o primeiro diamante sob as dunas costeiras da Namíbia. Os diretores da De Beers, novamente, a exemplo do caso da mina Premier, ignoraram tal descoberta. Pelo longo caminho geológico de mais que 1.000 km, desde a região de Kimberley até a costa, a maior parte dos diamantes com defeitos foi pulverizada. Desta forma, quase 100% dos diamantes da Namíbia possuem qualidade gemológica. Em 1912, esse país (na época German Southwest Africa) chegou a produzir 20% dos diamantes mundiais. Os diamantes eram vendidos por uma firma sediada em Berlim, a Deutsche Diamant Gesellschaft, que quase acabou com o Sindicato de Londres, fornecendo diamantes para Antuérpia e Amsterdã, a preços mais atraentes. Finalmente, em 1914, a De Beers estabeleceu um convênio com os alemães, porém tal acordo pouco funcionou devido à Primeira Guerra Mundial. A Alemanha, perdendo a guerra, não foi mais aceita pelo Sindicato.

Havia ficado claro que novas jazidas de diamantes deveriam ser encontradas na região, e assim a liderança da De Beers dependia de uma política especial. O homem que construiu essa política foi Ernest Oppenheimer, ao realizar um dos sonhos de Rhodes: o Sindicato conseguiu manter sua posição de topo, apesar de novas importantes descobertas em outros países

naquela época e com o uso generalizado dos diamantes na indústria não-gemológica a partir da segunda metade do século XX.

Ernest Oppenheimer era um judeu alemão ambicioso e de caráter diferente de Rhodes: tímido mas simpático. Imigrou no início do século para Londres como comerciante de charutos e logo se fascinou por diamantes, tentando aprender tudo sobre eles. Em 1902, foi enviado à África como gerente da sua agência em Kimberley. Ficou famoso pela avaliação do diamante de Joel, neto e herdeiro de Barnato. Joel, convidando autoridades para Kimberley, mostrou um diamante enorme, pedindo opinião sobre seu valor aos presentes. Todos ofereceram valores astronômicos, até que Oppenheimer, o último a avaliar a pedra, não se manifestou. Após um longo tempo, Joel perguntou a ele: “– Quanto ele vale na sua opinião?”. Ao que Oppenheimer respondeu: “– Nada, porque não é diamante”. Tratava-se de um topázio, rolado no transporte fluvial.

Oppenheimer foi ainda eleito prefeito de Kimberley, mas durante a Primeira Guerra Mundial teve de fugir para Londres. Voltando à África do Sul, após a guerra, ele retomou suas atividades investindo em ouro, perto de Johannesburg. Em termos econômicos gerais, sua visão era semelhante à de Rhodes, que buscara apoio dos banqueiros Rothschild para comprar ações. Desde 1917, Oppenheimer baseou-se na Morgan & Co., da Wall Street e, em 1919, iniciou a compra de ações das minas da Namíbia, criando a Consolidated Diamond Mines of Southwest África. Logo depois comprou também ações das jazidas de Angola (Portugal) e do Congo (Bélgica) até ser, em 1923, levado para a De Beers.

Em 1927, a produção mundial subiu de 4,7 milhões para cerca de 8 milhões de quilates. A Primeira Guerra Mundial não motivou grande influência negativa sobre seus preços, por causa da prosperidade econômica então alcançada pelos Estados Unidos. Porém, estava claro que o mercado dos diamantes precisava se estruturar melhor e que a De Beers era a única capaz de se adaptar a essa nova fase. O homem indicado para realizar tal façanha foi Oppenheimer, eleito presidente da De Beers em 1929.

Em 1930, ele desfez o Sindicato antigo e fundou uma organização denominada Diamond Cooperation, espécie de extensão da De Beers. Três anos depois juntou diversos grupos produtores na Diamond Producers Association, que combinaram uma venda exclusiva para outro braço da De Beers, a Diamond Trading Company. Esses três grupos juntos são conhecidos

como CSO – Central Selling Organization. Ernest Oppenheimer, o realizador dos sonhos de Rhodes, morreu em 1957, sendo substituído na presidência da companhia pelo filho, Harry Oppenheimer. A política econômica do diamante, estabelecida por Oppenheimer (pai) permaneceu, e apesar das grandes descobertas na Rússia e Austrália, a De Beers ainda controlou até finais do século XX aproximadamente 75% de todo mercado, valores estes que vêm declinando por vários fatores da conjuntura internacional recente (detalhados no Capítulo 6).

1.5 Outras descobertas importantes no século XX

Em agosto de 1954, a geóloga russa Larissa Popygayeva encontrou na Sibéria Central o primeiro kimberlito diamantífero daquele país, na bacia do rio Lena. Embora tal depósito não fosse especialmente rico em diamantes, foi o precursor da descoberta de cerca de outros 400 *pipes*, muitos deles com reservas imensas. As jazidas nessa área são exploradas a céu aberto sob condições extremamente difíceis, pois, no inverno, o congelamento é permanente. Mesmo no verão, a terra permanece semi-congelada (*permafrost*), e junto com algum alívio do frio milhares de mosquitos invadem a região (os trabalhadores precisam usar roupas especiais para se protegerem dos insetos). Com um crescimento contínuo, a Rússia produziu quase 17 milhões de quilates em 1996, 4º lugar no *ranking* mundial. Parte dessa produção foi sempre lapidada na própria Rússia e negociada clandestinamente em Antuérpia por agentes da polícia secreta KGB. Com o fim do regime comunista, grandes quantidades escondidas por esses ex-agentes entraram no mercado europeu, chegando mesmo a desestabilizar o controle da De Beers. Entretanto, apesar da hostilidade oficial aos países capitalistas, durante todo o período de comunismo os russos colaboraram com o Sindicato. Os diamantes industriais (*borts*) permaneciam no país para consumo industrial, enquanto o material lapidável era vendido através da Diamond Trading Company, ou seja, para a própria De Beers.

Outro país que descobriu enormes reservas em diamantes, a Austrália, foi considerado por certo tempo como independente da De Beers. Diamantes foram encontrados em meados da década de 1980 no extremo noroeste do país, em uma região denominada (por mera coincidência) Kimberley. O *pipe* gigantesco então encontrado (Argyle) de uma rocha conhecida como lamproíto,

bem como ocorrências aluvionares próximas (Fig. 1.6), continha reservas estimadas em 800 milhões de quilates, quatro vezes superiores às da África do Sul. Desde então, a produção australiana que era zero, alcançou, em 1999, a cifra surpreendente de 40.000.000 de quilates anuais. Tal achado foi realizado por uma mineradora regional australiana (Ashton Co.), obrigando a De Beers a rever todo o seu programa de prospecção, uma vez que a filosofia da empresa considerava que só kimberlitos poderiam conter diamantes em valores comerciais. Não obstante, as pedras de qualidade gema perfazem apenas 5% do total produzido, bastante baixo em comparação à média mundial de 20-25%.

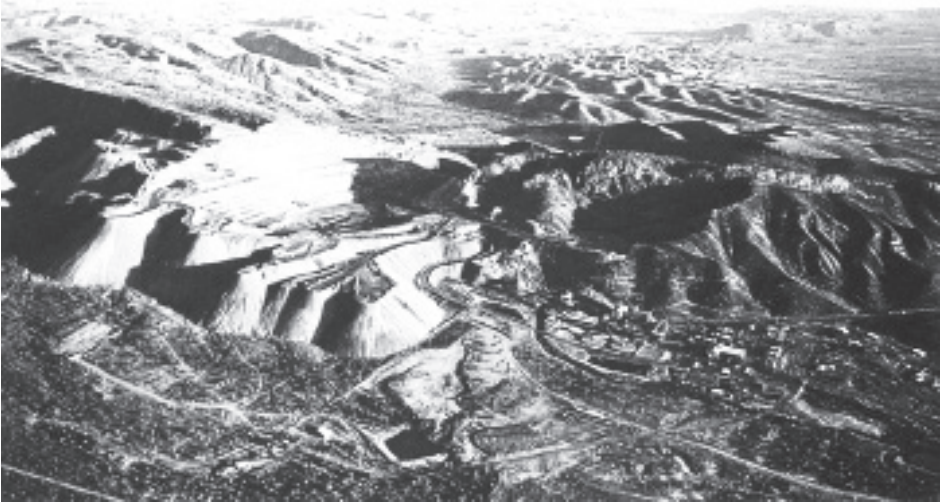


Fig. 1.6 Vista aérea da mina de diamantes de Argyle, na remota região de Kimberley do oeste australiano. Foto de Argyle Diamonds, in Harlow, ed., (1998) "The Nature of Diamonds".

É digno de nota que o período de grandes descobertas não terminou com o lamproíto de Argyle, Austrália. De início, devem ser citados várias outras áreas de prospecção muito promissoras na própria Austrália. No Canadá, ocorrências esporádicas e aparentemente sem importância econômica eram conhecidas de longa data, associadas a depósitos glaciais do Pleistoceno. Uma intensa campanha prospectiva, usando minerais pesados, "seguiu" o rumo do recuo das geleiras para o norte desde aquele período geológico, levando ao encontro de kimberlitos econômicos na região dos Grandes Lagos. Desde 1999, a Mina Ekati está em operação, fazendo com que o país, em 2001, tenha

produzido mais de 2.000.000 de quilates. Dois outros corpos kimberlíticos devem em breve entrar em atividades de lavra, elevando ainda mais esse valor. A China, outro país sem “tradição” como produtor de diamantes, provavelmente a partir deste início de século XXI começará a produzir comercialmente diamantes em diversos corpos kimberlíticos recém-encontrados.

E no Brasil, com seu imenso potencial evidenciado por um sem-número de pequenas ocorrências diamantíferas e grande parte de seu território ainda mal conhecido, imagine-se o quanto ainda poderá ser descoberto?

1.6 Alguns dos mais famosos diamantes

Em relação aos mais famosos diamantes, é necessário que se possam distinguir aqueles que conseguiram um nome importante pelos seus grandes tamanhos, daqueles que ganharam fama pelas histórias que os acompanharam. Neste último caso, as duas gemas individuais com histórias mais envolventes provavelmente são o Koh-i-Noor e o Hope. Entre os grandes diamantes já encontrados, devem ser destacados o Cullinan (com 3.106 quilates, sendo o maior de todos) e o Presidente Vargas (com 726,6 quilates), o maior dos diamantes brasileiros e atualmente o 7º de todo o mundo. Este último, por sua importância para o Brasil e para Minas Gerais, onde foi descoberto, terá a sua história relatada em detalhes, juntamente com o maior e mais famoso dos diamantes brasileiros lapidados, o Estrela do Sul.

O Koh-i-Noor

Por centenas de anos, a Índia possuiu a fabulosa coroa denominada Peacock (Fig. 1.7). Em 1739, o Xá Nadir, da Pérsia, invadiu aquele país e entrou em Delhi, matando 30.000 pessoas e capturando grande parte do tesouro da cidade. Dessa forma, a famosa coroa foi para a Pérsia e virou símbolo de sua família real. Junto com ela, mas de maneira diferente, chegou ainda um diamante enorme, que sem dúvida pertenceu a Aurangzeb, o Grande Mongol da Índia, que Jean Tavernier não conseguiu obter. Apesar do fato de a maior parte dos detalhes a respeito dessa pedra terem sido perdidos, provavelmente trata-se do diamante mais antigo conhecido na história.

O diamante foi encontrado há mais de 5.000 anos e era mencionado em papéis muito antigos. Em 1304, a pedra pertenceu ao sultão Alaad-Din.



Fig. 1.7 Os famosos diamantes lapidados Koh-i-Noor (108,90 quilates), Hope (44,50 quilates) e Estrela do Sul (128,48 quilates). Fotos Koh-i-Noor e Hope, in: Harlow, ed. (1998). Foto Estrela do Sul, in: Smith & Bosshart (2002).

Em 1526, ela caiu nas mãos de Baber, o primeiro dos grandes invasores mongóis, depois de tomar a Índia. Baber relatou que a pedra era tão valiosa que “se podia pagar com ela a metade das despesas diárias do mundo inteiro”. Aurangzeb sabia apreciar a pedra, entretanto, o seu neto e herdeiro, Muhammed Shah, perdeu a pedra para o invasor persa. A seguinte história é contada: quando Nadir ouviu sobre a grande pedra, fez o possível para encontrá-la, mas a procura foi em vão. Finalmente, uma mulher do seu próprio harém contou que Muhammed Shah a estava escondendo no turbante. Então, para melhorar a relação entre os dois países, um dos filhos de Nadir casou-se com a filha de Muhammed e matar o sogro do próprio filho não seria a melhor política. Durante um grande jantar, no qual Muhammed foi também convidado, ele sugeriu, como um gesto de boa vontade, na frente de todos os convidados, a troca dos turbantes. Desobedecer a esse ato era totalmente contrário à tradição, e assim a pedra chegou às mãos de Nadir, que a chamou de Koh-i-Noor (montanha de luz).

Nadir foi assassinado, e o Koh-i-Noor passou então pelas mãos de diversos sultões e aventureiros. Em 1813, a gema voltou para a Índia. Contam

que uma guerra foi declarada especialmente para recuperar a gema. Em 1849, autoridades britânicas a acharam na cidade perdida de Lahore, e mandaram o diamante para Londres como presente à rainha Vitória. A pedra tinha uma aparência feia, com poucas facetas e sem brilho. Em 1852, a família real decidiu relapidar a pedra. Voorsinger, mestre lapidador de Amsterdã demorou quase 40 dias, em 12 horas diárias, para reduzir seu tamanho de 187 para 108,9 quilates. A nova pedra não teve o brilho esperado, sendo exposta no castelo de Windsor por 59 anos, e a maioria dos visitantes achou-a feia. Em 1911, ela foi colocada na coroa da rainha Mary (esposa de George V) e depois passou para a coroa da rainha Elisabeth (esposa de George VI e também conhecida como rainha-mãe), acompanhando esta até seu pomposo funeral em 2002. Apesar de tudo, o Koh-i-Noor representa uma das gemas mais famosas do mundo, mostrando que no mundo das pedras preciosas, tamanho, perfeição e mesmo beleza às vezes são bem menos importantes que o *glamour* de sua história.

O Hope

O diamante Hope, caracterizado pela cor azul-violeta, é acompanhado de uma história de superstição e azares. Sem a menor dúvida é um dos diamantes levados para a Europa por Tavernier, comprado em 1642 na Índia, pesando 112,5 quilates. Entretanto, como e onde a gema foi adquirida é um mistério. De acordo com a lenda, esse diamante servia de olho a uma estátua do deus hindu Sita. O diamante foi roubado e o deus irado teria lançado uma maldição a todos que o utilizassem como jóia. Tavernier, em 1668, após a sua sexta e última viagem a Índia, vendeu 45 grandes diamantes e 1.122 menores ao rei Luís XIV. A pedra azul era a maior e foi denominada “o diamante azul da coroa”. Tavernier, na sua última viagem à Rússia, então com 83 anos de idade, estranhamente foi devorado por lobos.

A gema foi relapidada para a forma de gota, passando a pesar 67,5 quilates. Luís XIV utilizou o diamante uma única vez, morrendo depois de varíola. Luís XV não admitiu utilizar a pedra, denominada por ele de French Blue, motivado por superstição. Em 1774, Luís XVI herdou a gema e Maria Antonieta foi vista diversas vezes com a pedra, porém, como sabemos, ambos foram decapitados durante a revolução francesa.

A partir de 1792, o French Blue permaneceu desaparecido por 38 anos. Provavelmente a pedra foi vendida para a Espanha e relapidada, resultando

em três diamantes menores. A famosa pintura da rainha Maria Luisa da Espanha (feita por Goya, em 1799), mostra um diamante azul com forma e tamanho idênticos a uma outra pedra depois oferecida no mercado de Londres, em 1830. O diamante foi identificado como o French Blue, pesando agora 44,5 quilates e com forma redonda-oval (Fig. 1.7). O banqueiro Henry Hope adquiriu a pedra por US\$90.000, constituindo propriedade de sua família até o início do século XX, sendo designado simplesmente de Hope.

H. Hope morreu em 1839, por motivos naturais e, em 1890, a pedra foi herdada por Francis Hope, Duque de New Castel. A mulher do Lorde Hope fugiu com outro homem, levando também parte de sua fortuna, forçando-o a vender a pedra. A mulher morreu em 1940 em Boston, por motivos desconhecidos. A gema mudou de dono diversas vezes, sempre acompanhada de azares: depois do Lord Hope, um príncipe da Europa Oriental deu a gema a sua amante, que tornou-se infiel e foi baleada. Um comerciante grego que comprou a pedra pulou no mar, junto com a mulher e o filho. O sultão turco Abdul-Hamid possuiu o diamante por apenas dois meses, antes de ser vítima de seu próprio exército.

Em 1911, o diamante foi comprado por US\$154.000 pela americana Evelyn Mclean. Apesar de utilizar a gema muitas vezes, ela morreu em 1947, com 61 anos, aparentemente de morte natural. Entretanto, antes disso, seu filho morreu de acidente de carro, e a filha de *overdose* de pílulas para dormir, além de ter o marido internado para sempre em uma instituição de tratamento mental. O diamante Hope foi adquirido da Sra. Mclean por US\$1.000.000, por um famoso joalheiro de Nova York, Harry Winston, da Quinta Avenida. Após possuir a gema por alguns anos, ela foi doada para a Smithsonian Institution, de Washington, onde permanece até hoje para ser apreciada.

O Estrela do Sul

Por muito tempo, os diamantes brasileiros foram desvalorizados no comércio europeu, por serem considerados, de modo injusto, de qualidade inferior. Provavelmente, tal depreciação fosse devida ao fato de os diamantes da região de Diamantina, de onde era proveniente a maior parte da produção no século XVIII, em geral possuíam pouco peso e coloração levemente amarelada. Essa consideração foi radicalmente mudada em um dia de julho de 1853, quando uma negra escrava, lavando roupas nas proximidades de

um garimpo no rio Bagagem, encontrou por acaso, na margem direita do rio (onde hoje se situa a cidade de Estrêla do Sul, ex-Bagagem), um diamante que pesou impressionantes 52,276 gramas ou 254,5 quilates. Este último valor, em quilates “antigos”, foi recentemente recalculado para 261,38 quilates métricos (Smith & Bosshart, 2002).

Esse grande diamante brasileiro ganhou notoriedade internacional por várias razões. Ele foi o primeiro diamante do país reconhecido por seu porte e boa qualidade gemológica. Além disso, ao contrário da maioria dos diamantes famosos antigos, ressalte-se o fato de que a história da descoberta e as características mineralógicas originais da pedra tenham sido bem documentadas, graças às descrições do mineralogista francês A. Dufrénoy (1856), professor do Museu de História Natural de Paris. A escrava anônima descobridora, como resultado de sua descoberta, e também como recompensa pela entrega da pedra ao dono dos serviços de mineração do local, ganhou sua liberdade e ainda uma pensão alimentícia para o resto da vida. Por mais de um século, o futuro Estrela do Sul teve a distinção de ser o maior diamante já encontrado por uma mulher, até quando, em 1967, o diamante Lesotho (pesando 601,26 quilates) foi descoberto por Ernestina Ramaboa.

O primeiro possuidor do diamante foi um certo Casimiro, dono do garimpo, que logo vendeu a pedra por £ 3.000, aparentemente muito abaixo de sua cotação internacional. Nos dois anos seguintes, o diamante permaneceu em seu estado bruto, e novamente vendido na Europa, em 1855, por £ 35.000, quando foi exibido ao público na Mostra Industrial de Paris. Nessa ocasião, ele foi examinado minuciosamente pelo professor Dufrénoy – que observou seu hábito dodecaédrico com acentuada “dissolução” e assimetria das faces. Os novos donos da pedra eram os *messieurs* Halfen (dois irmãos comerciantes de diamantes em Paris), que somente então o batizaram de l’Etoile du Sud. Em 1856 (ou 1857), o diamante foi lapidado durante três meses em Amsterdã, por Voorzanger, da firma Coster.

Até o final da década de 1860, o Estrela do Sul permaneceu como o 6º maior diamante lapidado do mundo (depois disso, entraram em cena os diamantes da África do Sul, quando várias pedras de grande porte foram descobertas). Entre 1867 e 1870, a pedra foi comprada pelo potentado Khande Rao, na época o Gaekwan (governador supremo) do reino indiano de Baroda, pela cifra de £ 80.000 (equivalente a cerca de US\$400.000). O diamante permaneceu na coleção dos gaekwans de Baroda por, pelo menos,

80 anos. Em 1934, Sayaji Rao III (Gaekwan de Baroda, e sobrinho-neto de Khand Rao) informou a R. Shipley, do Gemological Institute of America, que o Estrela do Sul havia sido colocado em um colar junto com o diamante Dresden Inglês (curiosamente também encontrado no rio Bagagem, em 1857, pesando originalmente 119,5 quilates e lapidado para 78,53 quilates).

Depois dessa época, diversas estórias foram contadas a respeito do Estrela do Sul e do Dresden Inglês, incluindo as de que eles teriam sido vendidos ou mesmo roubados. Entretanto, Sita Levi (Maharani de Baroda), em 1948, foi fotografada usando o colar com as pedras brasileiras em seu aniversário de casamento. Interessante a história: o país que tradicionalmente mais havia produzido diamantes através dos tempos (dentre eles muitos vultuosos), tinha, em uma de suas jóias mais valiosas, dois diamantes brasileiros! Nos 50 anos seguintes, o destino das duas pedras permaneceu desconhecido, até que em 2001 o Estrela do Sul foi novamente comprado (o dono atual permanece incógnito) e submetido ao Gübelin Gem Lab (Lucerne, Suíça) para estudos gemológicos detalhados. Tais estudos revelaram seu peso agora de 128,48 quilates, e coloração *fancy* marrom-rosada clara (Fig. 1.7 - Smith & Bosshart, 2002).

O Presidente Vargas

No município de Coromandel (Minas Gerais), existe um curso d'água não muito caudaloso, chamado apropriadamente pelos garimpeiros da região de “rio das pedras encantadas”. Esse rio, o Santo Antônio do Bonito, é um afluente de primeira ordem do rio Paranaíba, possuindo na época chuvosa pouco mais de 10 m de largura, em média. Na seca, é possível atravessá-lo facilmente sem molhar os pés. O grande encanto de tal rio é o fato de que, misteriosa e inexplicavelmente, surgem de vez em quando em seus cascalhos diamantes que podem ser considerados gigantes pelo seu porte formidável. Desta maneira, os três maiores diamantes brasileiros saíram de suas águas turvas.

Foi assim que no dia 13 de agosto de 1938 (um sábado), o garimpeiro Joaquim Venâncio Tiago penetrou em suas águas, na época muito frias. Após um longo dia de labuta, salta da peneira uma pedra enorme que, apesar de suja, teima em brilhar como luz. Ele nunca vira ou imaginara existir um diamante tão grande. Na cidade de Coromandel, a pedra foi pesada, revelan-

do exatos 726,6 quilates, sendo o maior diamante do Brasil e então o terceiro maior do mundo (Fig. 1.8). Sua forma era achatada, medindo 5,6 x 5,0 x 2,4 cm, possuindo faces quebradas ainda “frescas” (Reis, 1959), o que permite considerar ter sido o cristal original substancialmente maior antes de ser quebrado no transporte fluvial.

Logo, os bajuladores de plantão designaram-no de “Presidente Vargas”, em homenagem ao então governante do País. Jornais e rádios de todos os lugares anunciaram com ênfase a espetacular descoberta. Joaquim teve de fugir para o mato, tal era a cobiça por sua pedra. Mas o diamante é o único ganha-pão de um garimpeiro, sendo logo a pedra negociada ao Sr. Oswaldo Dantes dos Reis, do Rio de Janeiro. Comprada e levada para o exterior pelo Sr. Jonas Polak, o diamante foi vendido ao joalheiro norte-americano Harry Winston, valendo cerca de US\$750.000. Este último mandou lapidá-la na cidade de Nova Iorque, sendo obtidas 29 pedras – a maior pesando originalmente 48,26 quilates, que depois foi ainda relapidada para uma de 44,17 quilates, hoje conhecida como diamante Vargas (ou *Vargas diamond*, Smith & Bosshart, 2002).



Fig. 1.8 O diamante Presidente Vargas, o maior de todos do Brasil, em foto original com seu notável peso bruto de 726,60 quilates. Foto da Casa da Moeda (um pouco ampliada), in: Reis (1959).

Mais de 200 anos de mineração de diamantes haviam se passado no País até essa descoberta. Pelo valor recebido, a vida de Joaquim Venâncio mudou radicalmente. Ele logo comprou uma fazenda bem instalada, com 500 cabeças de gado, além de montar uma agência de peças de automóvel e uma loja na cidade. Foi um garimpeiro que venceu, ao contrário da grande maioria que amofina nos córregos e rios deste País imenso. Atualmente, o Presidente Vargas permanece como o maior diamante brasileiro, ocupando a notável sétima posição entre os muitos bilhões de diamantes já encontrados em todo mundo.